

Yb



Sorria
... depois a gente
acha o motivo



Yngllind bispo

Sorria ... depois a gente acha o motivo

É Uma jornada de encontros inesperados e descobertas pessoais

Em meio a uma crise pessoal e uma gravidez inesperada, Helena encontra um pouco de paz na beira do mar. Lá, ela conhece uma garotinha triste e seu pai, Oliver, um homem misterioso e encantador. Este encontro inusitado desencadeia uma série de eventos que mudam o curso de suas vidas, trazendo à tona segredos, desafios e uma nova esperança.

Dedico esta história a todas as mulheres que, mesmo em meio às adversidades, encontram forças para seguir em frente.

“Eu sei onde começa, mas não sei onde termina...”

SUMÁRIO

Apresentação.....	2
1. 25 de Julho.....	6
2. Oliver Smith.....	12
3. Helena Lewis.....	16
4. Sombras do passado.....	25
5. Entre sal e conexões.....	32
6. A dura realidade.....	41
7. O peso das escolhas.....	49
8. O fantasma da boate.....	53
9. O abismo.....	58
10. O peso do futuro.....	61
11 .É o fim?.....	63
12.Se essa rua	65



Autora: yngllind bispo

Nascida em Conceição do Almeida, Brasil, é uma jovem autora com apenas 15 anos. Desde cedo, Yngllind tem se dedicado à escrita e à exploração de novas ideias, especialmente no gênero de romances e suspense. Com um talento natural para contar histórias e uma visão única sobre o mundo, ela começa sua jornada literária com este livro. Seus interesses incluem a leitura de romances e suspense, e ela se inspira na capacidade da literatura de revelar a complexidade da experiência humana. Seu objetivo é levar a literatura mais adiante aos olhos dos jovens apaixonados por livros. Para mais informações sobre seu trabalho, siga-a nas redes (@yngllind bispo)

Nota da Autora:

Às vezes, as histórias que contamos são uma reflexão dos nossos sonhos, medos e esperanças. Espero que este livro encontre um lugar especial em seu coração e inspire novas jornadas. Obrigada por se juntar a mim nesta viagem literária.

25 de Julho...

Eu sei onde começa, mas não sei onde termina. À medida que a vida avança, percebo que sou o maior erro dela. Estar sentada em frente ao mar não vai resolver meus problemas. Como pode uma mulher de vinte e um anos estar tão desesperada pela vida? O que faço agora? Estou grávida de dois meses. Não me pergunte onde está o pai; seria sarcasmo da sua parte. Olhando para a vista e sentindo a brisa do mar, me pergunto: para onde vou agora?

Vejo uma garotinha, no máximo três anos de idade, sentada sozinha em um balanço em frente ao mar. Parece triste. Por um momento, lembrei-me da minha infância, triste e atormentada pelos meus pais.

Olhei novamente para a garotinha ruiva e com sardas. Aproximei-me com curiosidade e parei ao seu lado. Ela me olhou pelo canto do olho.

“Olá,” falei calmamente. Ela, por outro lado, se encolheu em seu próprio corpo. “Você não deveria estar sozinha.”

A garotinha não falou nem se mexeu; também não quis puxar assunto ou algo parecido. Sentei-me ao seu lado no balanço e comecei a cantarolar uma música. Ela me olhou e sorriu.

“Meu papá gosta dessa música,” ela disse e sorriu novamente, como se tivesse recuperado uma de suas memórias favoritas.

“Onde está seu pai?” perguntei calmamente, encarando seu rosto pálido.

Ela olhou para um quiosque próximo à praia, onde havia um homem tomando whisky e nos encarando. Não consigo ver muito bem o seu rosto, mas consigo ver alguns traços. Ele parece muito irritado. Olho para a garota.

“Meu papai tá muito zangado,” ela disse em um tom triste.

Não pude ver o rosto daquela menina triste sem me sentir agoniada. Fiquei imaginando meu bebê através daquela menina. Eu nunca nem ao menos tinha pensado no meu bebê. Como não?

Quando ia perguntar o motivo de o pai da menina estar bravo, sinto uma respiração atrás de mim. Olho para trás, vendo o homem que antes estava no quiosque agora atrás de mim, encarando a garotinha.

“Por que você está aqui, filha?” o homem fala, fazendo meu corpo tremer com sua voz firme.

Paro de encará-lo quando percebo que ele está fazendo o mesmo que eu, notando minha presença. Em alguns segundos, engulo em seco por causa de sua aparência. Ele é lindo, alto, musculoso, não muito, mas forte o suficiente para me levantar com um braço.

“Quem é você?” ele me pergunta sem se importar em ser rude.

Levanto-me do balanço, ficando de frente para ele, que é o triplo do meu tamanho.

“Prazer, Helena Lewis,” tento falar em um tom firme, mesmo em frente a um homem que parece que vai me matar a qualquer hora.

“Prazer, Lewis. Oliver Smith,” ele estica a mão. Hesitei por alguns segundos, mas acabei apertando sua mão, que é bem suave. “Tentando sequestrar minha filha?”

O encarei firmemente. Sua beleza era encantadora, com olhos penetrantes e tatuagens pelo corpo, o que o tornava ainda mais atraente.

“Desculpe, senhor Smith, estava apenas fazendo companhia à sua filha,” falei calmamente, mas o nervosismo estava tomando conta de mim.

“Sem formalidade, apenas Oliver,” ele disse, como se houvesse algum tipo de conexão.

“Claro, senhor Oliv... quer dizer, Oliver,” sorri, ficando surpresa quando ele retribuiu o sorriso.

A garotinha, que antes estava ao nosso lado, agora brincava na areia. Vejo Smith olhar para ela com um misto de frieza e carinho.

“Sua filha é uma graça, você tem sorte,” falei, tendo toda a sua atenção em mim agora, seus olhos escuros olhando na profundidade dos meus.

“Sim, ela é,” ele disse, irritado. Desviei meu olhar para o mar, tentando ignorar o homem, mas ele continuou a me encarar, fazendo meu rosto ficar corado. “Quanto tempo pretende ficar me encarando?” perguntei, e ele não desviou o olhar.

“É a segunda vez que vejo uma moça tão bonita,” ele disse, me deixando ainda mais vermelha. “Não é ironia, você realmente é agradável e gentil.”

Olho para ele, que continua me olhando firme.

“Obrigada pelo elogio, eu acho.” Ele sorriu olhando para o mar; ele tinha covinhas nas bochechas, o que o tornava ainda mais agradável.

Ele levantou uma taça de whisky que nem tinha percebido que estava em sua mão.

“Você bebe?” Ele me perguntou. Neguei com a cabeça. “Como se diverte sem bebida?” Fiquei o encarando, e assim ele também fez.

“Não posso beber, tenho um filho para gerar,” falei, firme. “Pode beber sozinho, além disso, não aceito bebida de estranhos.”

Ele riu baixo, tomando um gole da bebida. “Grávida? Quantos meses?” Ele disse, como se estivesse tentando saber mais.

“Estou grávida de dois meses,” falei, e ele colocou a garrafa de whisky na areia.

“Pela sua aparência, achei que era virgem, Helena,” ele falou em um tom brincalhão, me deixando confusa.

Sorrio da sua ousadia e o encaro

“ que ausência da sua parte pensar sobre a minha vida pessoal “ disse soltando um suspiro

“ casada ? Namorando? “ disse ele voltando sua atenção para a garotinha

“ está muito interessado na vida de uma pessoa que acabou de conhecer “ disse frustrada

Ele hesitou por alguns segundos mais longo me encarou

“ É por isso que estou interessado, quero te conhecer

Ri baixo. “É melhor eu ir embora.”

“Espera,” ele disse, sua voz suave, mas urgente. “Eu sei que isso pode parecer estranho, mas há algo em você que me intriga. Talvez seja a sua honestidade ou o jeito que você se preocupa com minha filha. Gostaria de conhecê-la melhor, Helena. E, quem sabe, podemos nos ajudar de alguma forma.”

Hesitei, olhando para a garotinha brincando na areia, sentindo o peso de minha própria situação. Talvez ele realmente pudesse me ajudar, ou pelo menos ser uma distração para meus pensamentos sombrios.

“Está bem,” respondi lentamente. “Mas vamos devagar. Eu não estou pronta para mergulhar em algo novo agora.”

Oliver sorriu, um sorriso genuíno que parecia aquecer o ambiente. “Claro, sem pressa. Podemos começar com um café? Ou talvez uma caminhada pela praia?”

Concordei com a cabeça. “Uma caminhada parece boa.”

Caminhamos em silêncio por alguns minutos, apenas ouvindo o som das ondas quebrando na praia. Finalmente, ele falou novamente.

“Sei que você disse que não quer falar sobre isso, mas, por favor, se precisar de qualquer coisa, não hesite em pedir. Não sou apenas um pai solteiro; também sou um bom ouvinte.”

Olhei para ele, sentindo uma inesperada sensação de segurança. “Obrigada, Oliver. Eu vou lembrar disso.”

E assim, começamos uma amizade improvável, ambos buscando respostas para nossos próprios dilemas, mas encontrando conforto na companhia um do outro.

Oliver riu baixo. “Não vai mesmo me contar se é solteira?”

Sorri de lado, continuando a andar. “Sou solteira.” Olho para Oliver, que desvia o olhar rapidamente. “E você? Casado?” repeti sua pergunta.

Ele sorriu, mostrando suas covinhas nas bochechas, me deixando encantada. “Não, eu te disse, sou pai solteiro.” Ele riu baixo, mas deu para perceber sua frustração.

“Posso te perguntar uma coisa?” Olhei para ele firmemente, sabendo que minha pergunta era um pouco delicada. “Desculpa, eu não quero...”

“Tudo bem,” ele disse, interrompendo minha fala. “Ela morreu, para mim.” Fiquei um pouco confusa, então ele continuou. “Ela fugiu, deixando nossa filha. Duvido que esteja viva.” Não havia remorso ou dor em seus olhos... era raiva? Eu não sabia exatamente o que seus olhos estavam tentando dizer.

Ele me olhou firmemente, encarando até minha alma. Tentava adivinhar o que seus olhos tentavam mostrar, mas não via nada além de pura solidão. Ele escondia mais segredos do que eu poderia imaginar.

...